



BOLETIM DO

INSTITUTO HISTÓRICO E CULTURAL DE ARCEBURGO

ANO XVII – Nº 85 – ABRIL – MAIO – JUNHO – 2023



SOBRE A IMPORTÂNCIA DA OBRA EM MINHA VIDA

Como disse, ingressei na Obra em 26/05/1971. Minha mãe já pertencia desde 15/08/1968. Entrara primeiro do que eu, apesar de ter sido levada para a Obra por meu intermédio.

Regina, minha 6ª. filha, só nasceria em 15/09/1971, o que vale dizer, entrei ainda à época em que era um Instituto Secular, pois o Opus Dei apenas tornar-se-ia Prelazia Pessoal em 28/11/1982.

Ora, São José Maria Escrivá confirmou sua vinda ao Brasil em 1974 e chegou ao Rio de Janeiro em 22/05 daquele ano.

Estava encarregado de contatar todos os membros supernumerários da hoje Prelazia – não éramos muitos à época – para as atividades de que devíamos participar, assim como a fazer diligências junto às entidades para obtermos os locais mais amplos para os contatos que o sacerdote desejava ter com o povo brasileiro.

Emérico da Gama, com quem conversava semanalmente, foi encarregado comigo de fazer tais diligências.

Marquei de pegá-lo na sede da Comissão, em que o diretor para o Brasil residia – à época denominado Conciliário –, no dia 24/05/1974 às 15 horas para tentar obter o auditório da FIESP, então no Viaduto D. Paulina.

Ocorre que, quando cheguei, Emérico informou-me que São José Maria iria fazer um passeio para conhecer São Paulo, e que, se esperássemos um pouco no hall de entrada, iria conhecê-lo pessoalmente.

Minha emoção foi enorme. Aguardamos, e, quando ele apareceu descendo as escadas da casa, Padre Xavier apresentou-me ao Fundador, dizendo: “Ives e a esposa são supernumerários, pais de 6 filhos”. Imediatamente, o Fundador abraçou-me e deu-me um beijo na testa, dizendo que iria oferecer a missa, do dia seguinte, por mim, minha esposa e os 6 filhos. E acrescentou: “você é o primeiro supernumerário que cumprimento no Brasil”. Emocionado não consegui falar quase nada. Acompanhei-o até o carro, tendo ele se despedido carinhosamente de Emérico e de mim.

Só recuperei-me da emoção, depois que o carro, com ele, Padre Xavier, Dom Álvaro, Dom Javier e Gaspar Vaz Pinto, saiu. Gaspar tornara-se motorista dele em sua estadia, numerário português que viera ao Brasil na década de 60.

No dia seguinte, tivemos a primeira tertúlia com o Fundador. No auditório do Centro de Estudos do Sumaré, que usávamos para as aulas de direito tributário.

Fiz-lhe, então, uma pergunta sobre como ser melhor filho dele e da Obra, mas antes declarando minha profissão de advoga- do. Começou respondendo: “És meu colega”, pois também havia se formado em direito em Saragoza e, inclusive, obtive o título de

doutor com a tese “La Abadesa de las Hulgas”.

Foi emocionante aquela primeira tertúlia que assisti com Ruth e amigos.

No dia seguinte, levei meu filho Ives, então com 15 anos, para assistir a uma tertúlia na Aroeira (26/05). Propriamente, não o levei. Foi com um grupo de jovens, mas fui buscá-lo, chegando bem antes da hora programada, com o que foi possível assistir, atrás da porta que separava a sala principal da Aroeira daquela de estar, à tertúlia inteira.

No dia seguinte, o Fundador recebeu minha família e as duas empregadas. Estava acompanhado do Beato Álvaro, Dom Javier Echevarria e Padre Xavier. Uma das empregadas (Hilda) ingressou na Obra mais tarde, como supernumerária. Neste encontro, minha filha Regina estava com pouco mais de 2 anos e começou a chorar. São José Maria, imediatamente, colocou sua mão na cabeça de Regina que parou de chorar, instantaneamente. Foi uma conversa de uns 15 minutos. Muito agradável, em que me perguntou sobre a família e dirigiu-se, principalmente, a Ives e Angela, então com 13 anos. Os dois vieram a ingressar na Obra, Ives em 1976 e Angela em 1978 como numerários. Estão, os dois em Brasília, Ives desde 1981, agora como Ministro do Tribunal Superior do Trabalho – decano do Tribunal – onde já foi presidente; e Angela como Secretária Nacional da Família do Ministério de Direitos Humanos.

Neste mesmo dia (27/05), houve uma tertúlia só de supernumerários com o Padre. Fiz-lhe aquela pergunta já mencionada, sobre a soberba.

No dia seguinte, fomos todos à Aparecida, numa romaria com o Fundador. Chegamos cedo, mas, por um problema com o helicóptero, o Padre apenas chegou depois do almoço. Rezamos, todos os presentes, o terço com ele na velha matriz de Aparecida, onde hoje encontra-se uma estátua de São José Maria, por ter este Santo de Altar visitado aquele Santuário, que comemorou, em 2017, trezentos anos do aparecimento da imagem da Virgem, resgatada das águas do Rio Paraíba, por pescadores. Quando encontraram a imagem – eles que não tinham pescado nada – conseguiram uma milagrosa e abundante pesca.

No dia 30/10 tivemos mais um encontro de jovens no Centro de Extensão Universitária e, uma vez mais, Jorge Cintra, Borzani e eu conseguimos penetrar e assistir toda a tertúlia.

Um nova tertúlia foi realizada no Centro do Sumaré, numa das salas de estar, só com casais de supernumerários. Na intimidade daquele encontro em que eram poucos os casais, perguntei-lhe sobre o dinheiro que deveríamos dar aos filhos, enquanto dependentes. Disse-me: “Sempre pouco e procurando valorizar a entrega para que aprendam a dar valor ao que receberem e a merecerem-no por seus atos e trabalhos”.

Tivemos mais duas tertúlias gerais no Anhembi e no Palácio das Indústrias da FIESP, que encantou a todos e, por fim, uma tertúlia final, no Centro de Estudos com cooperadores.

Ao todo foram 10 encontros com São José Maria, que estão gravados em minha memória.

Sobre o relato dos dias que passamos com o Nosso Padre, Emérico pediu para que redigisse umas notas, que foram publicadas no livro "Catequese na América". É fácil localizá-la, pois, refiro-me a um ditado que, na Bretanha, se diz aos bretões "Tetû comme un breton," ou seja, "Cabeçudo, como um bretão". A referência é ao meu nome cujo patronímico é de Santo Ives, padroeiro dos advogados, de juízes e que nasceu em Treguier na Bretanha.

O certo é que, após sua vinda, tudo mudou. De apenas uma cidade no Brasil, a Obra expandiu-se para todo o país.

Pessoalmente, ter a vida familiar, profissional, social, apostólica e cidadã – deixei a política em 1965, mas não deixei, pela imprensa, de expor minhas posições pessoais sobre o país – foi possível, estabelecendo um equilíbrio que poderia ser melhor. Todavia, por amizade ou amor, os outros dizem que não é má. Tudo isto devo ao papel relevante desempenhado por minha mulher, que me fez retornar a Igreja Católica, e a Obra, que inspira os meus atos até hoje,

apesar de ter partido para o céu, vítima da Covid 19 em 26/01/2021.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal – 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs-Paraná e RS, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO - SP; ex-Presidente da Academia Paulista de Letras-APL e do Instituto dos Advogados de São Paulo-IASP. É Sócio Honorífico do Instituto Histórico e Cultural de Arceburgo.